

**Mulheres, loucura e escrita no século XIX: um estudo sobre a obra *O papel de parede amarelo* de Charlotte Perkins Gilman (1892)**

Women, Madness and Writing in the Nineteenth Century: A Study about the work *The Yellow Wallpaper* by Charlotte Perkins Gilman (1892)

Ana Paula Branco de Melo<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo pretende analisar e discutir a conexão entre as categorias de feminilidade, loucura e escrita durante o século XIX, através da obra *O papel de parede amarelo* (1892), de Charlotte Perkins Gilman. Considerando a biologização dos comportamentos e definição dos papéis sexuais durante o século XIX, juntamente a patologização do corpo feminino, em especial os “problemas dos nervos”, é possível pensarmos a interseccionalidade entre as temáticas do ser mulher e ser louca para compreender a subjetividade feminina durante o *fin de siècle*. Por fim, este artigo também se propõe a compreender a escrita feminina deste período, visto a presença do tema da loucura na obra estudada e outras, possibilitando também pensar essa escrita como forma de denúncia e resistência às condições compartilhada pelas mulheres, assim como uma visão da loucura como transgressão às normas de gênero socialmente impostas.

**Palavras-chave:** Gênero, Loucura, Escrita Feminina

**Abstract**

This article intends to analyze and discuss the connection between the categories of femininity, madness and writing during the nineteenth century, through Charlotte Perkins Gilman's *The Yellow Wallpaper* (1892). Considering the biologization of behaviors and the definition of sexual roles during the nineteenth century, with the pathologization of the female body, especially the "brain sickness", it is possible to think the intersection between womanhood and madness to understand the feminine subjectivity during the *fin de siècle*. Finally, this article also proposes to understand the feminine writing on this period, considering the presence of madness as theme on the book object of this study and others, allowing us also to think this writing as a form of denunciation and resistance to the conditions shared by women by the time, as well as a view of madness as transgression of gender norms.

---

<sup>1</sup>Mestranda em História, Universidade Federal do Paraná.

**Keywords:** Gender, Madness, Feminine Writing

## **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo, a partir da escrita de Charlotte Perkins Gilman do livro *O papel de parede amarelo* (1892), compreender a subjetividade feminina no final do século XIX, partindo das categorias de feminilidade e loucura, as quais caminham de forma muito próxima no período. Sendo assim, também temos como propósito problematizar estatutos científicos/médicos, produzidos no século XIX, e de que forma estes influenciaram e justificaram papéis sociais sexuais nas esferas pública e privada. Igualmente, como finalidade deste estudo, intentamos apreender o funcionamento da escrita feminina no século XIX como resistência às normas de gênero.

Tendo a temática de gênero como cara aos debates atuais, ao trazer novas perspectivas da História através do olhar feminino, ressalto a importância de compreender a questão da construção da feminilidade com a transversalidade da loucura. Além de muito conectados durante o período do século XIX, é importante pensar as categorias de gênero e loucura interseccionalmente e de que formas essa dupla marginalização e os estigmas levaram a formação da subjetividade destes indivíduos no período, assim como a criação de suas resistências. Importante também o fato de essa análise ser executada através da escrita de uma mulher, trazendo um olhar de dentro da vida feminina e todas as suas peculiaridades.

Charlotte Perkins Gilman nasceu em 1860, em Connecticut, New England, nos Estados Unidos. Cresceu em Rhode Island e teve uma infância e adolescência conturbadas. Era filha de uma mãe com muitos filhos, a qual o pai abandonou após ameaça de morte da mãe no caso de nova gravidez. Segundo Elaine R. Hedges, em um famoso posfácio (HEDGES, 2016, pp.78-79) escrito para uma edição do livro de Gilman em 1973, essa separação teve grande impacto na vida da autora, fazendo-a construir uma visão muito negativa e pesada acerca do papel da mulher/mãe/esposa naquela sociedade.

Gilman cresceu e tornou-se uma das principais figuras do feminismo nos Estados Unidos. Também autora de não-ficção, escreveu o livro *Women and economics* (1898), uma análise da delicada situação de submissão econômica e social das mulheres norte-americanas e a relação dessa questão com a opressão promovida pela sociedade patriarcal. Sua obra chegou a ser usada como livro acadêmico na década de 1920 e foi reeditado e publicado em 1966, devido à sua relevância (HEDGES, 2016, pp. 72-73). Ademais, escreveu *Herland* (1915), um

romance utópico, na qual Gilman concebe e explora como seria uma sociedade formada apenas por mulheres, as quais se reproduziriam de maneira não-sexuada: o resultado seria uma sociedade ideal: sem guerras, sem violência, sem conflitos. Ou seja, uma civilização sem os elementos segundo a autora, deletérios, produzidos pela masculinidade.

Apesar de tudo, Charlotte Perkins Gilman também acabaria por casar-se e tornar-se mãe, mas terminaria por sofrer um colapso nervoso logo após a gravidez do qual nunca se recuperou totalmente e teve que lidar por quase toda a vida. Sempre crítica às relações homem-mulher, principalmente na esfera privada, Gilman, depois de tudo o que passou durante a infância e adolescência, sentia-se enclausurada nestas relações. Novamente, segundo Elaine R. Hedges:

Parece que Charlotte Perkins se sentia aprisionada pelo papel atribuído à mulher dentro do casamento convencional do século XIX. Se o casamento significava filhos, e muitos filhos significavam ser incapaz para outros trabalhos; se ela encarava o abandono do pai e a frieza da mãe como resultado dessa armadilha sexual-marital; se via a si mesma como vítima do casamento, como a mulher interpretando o papel passivo, ela estava vendo as coisas com clareza (HEDGES, 2016, pp. 84-85).

Cinco anos após o colapso nervoso e nascimento da filha, surgia *O papel de parede amarelo* (1892). Este livro trata-se de um conto, na verdade. O seu enredo consiste na história de uma mulher, a qual nos conta a história através dos escritos do seu diário, que vai para uma casa afastada da cidade por recomendação de seu marido/médico após o nascimento da filha para se recuperar de “problemas dos nervos”. No seu quarto encontra um horripilante papel de parede amarelo, com o qual desenvolve uma relação que parece a levar cada vez mais a perder a razão e enlouquecer.

É sobre esse livro, que à época foi considerado uma peça brilhante de literatura de horror, com inspiração comparável a Edgar Allan Poe, que se trata a análise a ser desenvolvida nesse artigo.

## **Desenvolvimento**

Durante o século XIX, com a institucionalização e valorização do conhecimento científico, foram desenvolvidos vários estatutos sobre o funcionamento da sociedade e os papéis sociais dos indivíduos as quais ancoravam-se em teorias biologizantes. Não apenas as ciências médicas e biológicas encontravam-se desenvolvendo a todo vapor, mas os próprios estudos das

humanidades acabaram por se utilizar de teorias científicas que surgiam no período para desenvolver suas próprias, as quais legitimavam diferenças e hierarquias sociais, como nas relações homem/mulher e seus respectivos lugares na sociedade. Não podemos esquecer que o movimento contrário também ocorria, com as práticas sociais reforçando teorias biologizantes, como a naturalização do binômio mulher/loucura pelos discursos psiquiátricos e ginecológicos.

Há, durante o século XIX, a construção da imagem da mulher como o anjo do lar e guardiã da virtude. Ela tinha na esfera privada, na sua casa, o seu “reino”. Os cuidados para com os filhos e o marido eram de sua inteira responsabilidade. A importância de ser o alicerce da maternidade e do casamento forjavam uma espécie de valorização dessa figura feminina, com sua “sensibilidade singular”, mas isto servia apenas para naturalizar um papel subalterno e limitado quando comparado às figuras masculinas a sua volta. Apesar da sua dita importância, a mulher precisava possuir total altruísmo e abrir mão da vontade própria em benefício da família. O que poderia parecer uma valorização, acabava por ser um silenciamento e enclausuramento da mulher no espaço do lar (GARCIA, 1995, p. 57).

Esses discursos da diferença sexual apoiavam-se, como já dito, na biologia. Estudos anatômicos sobre o corpo das mulheres corroborando uma inferioridade física e intelectual desses sujeitos em comparação aos homens. Além do que a moral e a religião já ditavam para essas mulheres, agora o determinismo biológico reforçava: o lugar e a função mais importante da mulher era, sem dúvida a maternidade. Afinal, o corpo delas era configurado para isso (MARTINS, 2010, p. 20).

Os discursos naturalistas das diferenças sexuais operavam com categorias binárias, opostas e muito restritas. Ou seja, homem/mulher, masculino/feminino, esfera pública/privada, razão/emoção, etc. Esses binômios estavam relacionados ao que se esperava de cada um na sua vida em sociedade, do que seriam considerados os padrões de normalidade. Ir contra estes parâmetros significava ir contra a ordem natural das coisas, significava o desequilíbrio, a aberração (MARTINS, 2010, p. 21).

Esses binômios de gênero podem ser verificados no conto *O papel de parede amarelo*, com certos personagens encarnando certos valores. Claramente, a posição que o marido ocupa na história representa, como o homem que é, a razão, a racionalidade; mas não apenas isso: por ser também médico, representa a ciência, a verdade. Por outro lado, sua mulher, representa a emoção, os nervos, a loucura. Representa a fragilidade e a subalternização. Claro que, por se tratar de uma crítica às relações maritais e de gênero - segundo Elaine R. Hedges, o livro trata “de um dos raros textos literários de uma autora do século XIX que confrontam

diretamente a política sexual das relações homem-mulher, marido-esposa.” - esses papéis são questionados e subvertidos, mas isso será discutido mais à frente neste trabalho.

A protagonista e narradora de *O papel de parede amarelo*, “doente dos nervos” e tratada por seu marido-médico, sente o peso da incapacidade de desempenhar as tarefas designadas a ela enquanto mulher:

Claro que é apenas uma questão de nervos. Fico tão triste de não poder cumprir meus deveres!  
Queria tanto ajudar John, ser para ele uma fonte de apoio e conforto, e, no entanto, eis-me aqui, convertida num fardo!  
Ninguém acredita no quanto me custa fazer pouco do que sou capaz: vestir-me, receber visitas, encomendar coisas.  
É uma sorte que Mary seja tão boa com o bebê. Um bebê tão querido!  
E, no entanto, não posso estar com ele, fico tão nervosa (GILMAN, 2016, p. 20).

O que nos faz abordar também a relação entre mulheres e as “questões dos nervos”, ou seja, a loucura. As investigações dos padrões de normalidade, como já foi dito, tiveram muito fortemente uma base biológica e médica. Os padrões de normalidade seriam definidos por corpo masculino e saudável, sem desvios, mas esse só foi definido padrão em oposição aos corpos e modos patológicos (LACQUEUR, 1992). O corpo da mulher já possuía, segundo os estatutos médicos da época, um potencial patológico e principalmente ligado às doenças nervosas. Isso se devia ao funcionamento sexual da mulher, ou seja, uma sensibilidade causada pela configuração anatômica feminina que ocasionava a menstruação, a gravidez, o parto, a menopausa, etc. Isso deixaria as mulheres mais sensíveis e vulneráveis à loucura (MARTINS, 2010, pp. 27-32). Isso também é representado no livro em questão, já que a personagem principal sofre dos nervos após ter dado à luz a um filho – uma situação, como já foi exposto anteriormente, baseada em uma experiência pessoal da autora.

As mulheres não foram simplesmente conectadas à loucura apenas no século XIX. A loucura, ou o que seria diagnosticado no século XIX como histeria, em outras épocas estaria ligado ao místico, ao misterioso, à magia e até mesmo ao mal. Segundo Carla Cristina Garcia, em seu livro *Ovelhas na névoa: um estudo sobre as mulheres e a loucura*, fala sobre essas mudanças e permanências na figura feminina:

Vimos (...) que a grega Cassandra e Lilith judaica, personagens míticas assertivas, se entrecruzam na matriz da cultura ocidental. No decorrer dos séculos, essas figuras sofrerão transformações. Na Idade Média, Hécate e Lilith comandavam o cortejo das bruxas, haviam se tornado demoníacas e foram perseguidas pelos poderes instituídos. Já no século XIX, após

cristalização da sociedade burguesa, os ideólogos vão esquecê-las, uma vez que definirão as mulheres como guardiãs da moral, religião e “naturalmente” dotadas ao outro, como “anjos do lar”. Nesse contexto, as figuras médicas de mulheres poderosas são enfraquecidas ou transformadas nas cruéis femmes fatales. Podemos notar que foi um longo percurso o percorrido por Lilith e Cassandra, de mulheres criativas e criadoras, possuidoras de vontade e linguagem próprias, para as bruxas dos séculos XV a XVII, as histéricas e as loucas do século XIX (GARCIA, 1995, p. 46).

A loucura e a figura do louco, por si só, são, desde a Idade Média, silenciadas nos seus discursos próprios, tendo suas palavras tidas como nulas, invisíveis, e sempre com a necessidade de serem tuteladas:

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (...). De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia (FOUCAULT, 2014, pp. 10-11).

Como já vimos, a loucura é, por excelência, uma enfermidade feminina. Essa associação esteve e ainda está arraigada no imaginário cultural e social como a associação das mulheres à irracionalidade, ao silêncio, ao corpo (GARCIA, 1995, p. 15). Então, deve-se pensar a transversalidade dessas duas condições: ser louca e ser mulher era ser duplamente marginalizada, duplamente silenciada, duplamente subalternizada.

A força criativa na mulher era algo que fugiria aos padrões de normalidade e isso muitas vezes estava atrelada a questão da escrita. Mulheres chegavam a ser internadas pelo simples fato de serem escritoras. A própria protagonista do livro centro deste estudo nos narra sua história através de um diário escrita às escondidas de seu marido-médico, pois ela estava proibida de escrever devido a sua doença nervosa:

[John] disse que, com o poder da imaginação que tenho e meu hábito de inventar histórias, uma debilidade dos nervos como a minha só pode resultar em fantasias exaltadas, e que devo usar minha força de vontade e meu bom senso para controlar essa propensão (...)  
Às vezes tenho a impressão de que, se ao menos me sentisse bem o suficiente para escrever um pouco, isso aliviaria minha confusão de ideias e me traria algum descanso (GILMAN, 2016, p. 23).

Não faria a própria sociedade do século XIX com seus restritos papéis sexuais, bem como os tratamentos desenvolvidos para a cura, ou pelo menos contenção dessa loucura feminina, com que essas mulheres viessem a adoecer? Temos alguns exemplos na literatura do fim do século XVIII e do século XIX que ilustram essa possibilidade, inclusive *O papel de parede amarelo*. Os exemplos a serem citados são os *Maria ou The Wrongs of Women* (1797) – última e inacabada obra – de Mary Wollstonecraft e *Cassandra* (1860) de Florence Nightingale.

Em *The Wrongs of Woman*, Wollstonecraft pretendia escrever um romance que servisse como uma obra companheira do seu conhecido *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), um livro que falasse sobre a miséria e a opressão das mulheres pelos costumes da sociedade patriarcal. Nesse romance, sua personagem principal, Maria, é internada em um hospício pelo seu marido, para que então ele pudesse controlar sua fortuna e ter liberdade para ter suas aventuras sexuais. Wollstonecraft, segundo Elaine Showalter, coloca no hospício em que a heroína de sua história foi internada a simbologia das instituições criadas pelos homens as quais, do casamento à lei, confinam as mulheres e as levam a loucura (SHOWALTER, 1987, p. 1).

O romance *Cassandra*, de Florence Nightingale, “é uma mordaz análise das razões que levam as mulheres da classe média vitoriana ao silêncio, à depressão e à loucura” (GARCIA, 1995, p. 26). Segundo Carla Cristina Garcia:

Para Nightingale, nada restava na vida das mulheres a não ser a farsa e a hipocrisia, a vida voltada para os outros, a impossibilidade de ter uma educação séria, ou o impedimento de possuir uma vocação fora do círculo familiar. Esta situação ia aos poucos destruindo a capacidade de as mulheres sonharem: “A acumulação da energia nervosa, por não ter nada com que se ocupar durante todo o dia, as faz sentir toda a noite como se estivessem ficando loucas”. (GARCIA, 1995, p. 27)

Os tratamentos para essas doenças nervosas, segundo essas autoras, pioravam ainda mais a situação das mulheres. Um desses métodos é o método de “cura pelo repouso, tratamento o qual, inclusive, foi submetida a escritora Virginia Woolf e ao qual é submetida a protagonista de *O papel de parede amarelo*.

Este conto é uma forte crítica a sociedade patriarcal e a esses tratamentos para as doenças nervosas das mulheres que envolviam o confinamento e total repouso. O marido-médico afasta dela as várias formas de distração e alívio de sua ansiedade e tristeza da depressão



pós-parto, dizendo que estímulos, excitação, a escrita, como qualquer forma de extravasar sua criatividade e até mesmo a companhia de outras pessoas pioraria seu quadro “nervoso”. A mulher, sob a tutela do marido e além disso, do médico, da ciência, obedece suas ordens e se mantém obediente aos seus “cuidados” (SHOWALTER, 1987, p. 141).

Com o passar dos dias, mais intensa ficava a sua depressão e a evidência da perda de noção de realidade. A obsessão com o papel de parede amarelo crescia e ficava cada vez maior. Desde o começo do livro o papel de parede amarelo – que dá nome ao conto – chama a atenção da mulher, que gradativamente começa a ver coisas estranhas acontecendo com ele. Vê figuras femininas por trás dele, tentando se libertar:

Finalmente descobri uma coisa.

Depois de muitas noites observando – é a noite que o padrão mais se transforma –, finalmente descobri.

O padrão em primeiro plano de fato se move... e não é de surpreender! A mulher ao fundo balança!

Às vezes tenho a impressão de que são muitas mulheres, mais de uma, e ela rasteja a toda velocidade, seu rastejar faz com que tudo balance. (...)

E o tempo todo tenta escapar. Mas não há quem consiga atravessar esse padrão – ele é asfixiante, acho que é por isso que tem tantas cabeças.

Assim que elas conseguem atravessar, o padrão as estrangula e as vira de cabeça pra baixo, e faz com que seus olhos fiquem brancos! (GILMAN, 2016, p. 56)

Ao fim do livro, a protagonista surta enfim. Ao entrar em colapso, trata de rasgar freneticamente o papel de parede amarelo para tentar libertar as figuras femininas presas por trás dele. Mesmo com a tentativa do marido e a cunhada impedirem, a protagonista se tranca no quarto, rasga todo o papel e então se dirige ao marido: “Finalmente consegui sair!, respondi, “apesar de você e de Jane! E arranquei a maior parte do papel, então você não vai poder me colocar de volta!” (GILMAN, 2016, p. 69).

Ao meu ver, o papel de parede trata-se desses papéis e padrões sociais determinados às mulheres, nos quais se veem enclausuradas. Há, portanto, um certo grau de resistência e transgressão na loucura da protagonista que, ao fim, depois de sucumbir de vez a loucura, se vê encorajada a desafiar esses paradigmas de gênero.

## Conclusão



Durante o século XIX, são desenvolvidas teorias naturalistas acerca do corpo da mulher para justificar o seu lugar na sociedade patriarcal. A noção de loucura, histórica e socialmente atada a noção de mulher, também usou das justificativas médicas para naturalizar a relação entre esses dois elementos. O feminismo, que começa a surgir no final do século anterior tendo como marco os escritos de Mary Wollstonecraft, ganham força no século XIX, juntamente com o intenso crescimento das “marchas sociais” e da abertura democrática aos movimentos sindicais e trabalhistas (PERROT; FRAISSE, 1991, pp. 9-12).

A insatisfação dessas mulheres feministas, estavam presentes também em suas publicações e nos seus romances. É esse o caso de *O papel de parede amarelo*. Ao analisarmos este conto como uma fonte histórica, podemos compreender melhor a crítica ao sistema patriarcal e seu funcionamento no século XIX a partir de um olhar feminino de uma mulher que sofria ela mesma todas estas contradições e opressões da sociedade que vivia. Em uma época na qual os saberes constituídos sobre as mulheres eram essencialmente masculinos, isso é de extrema importância.

Podemos concluir que não apenas os papéis de gênero, nem apenas os papéis de loucura, ambos silenciados historicamente, são marcados por estigmas sociais e por relações entre poder e saber na produção do conhecimento científico, que serviam para manter esses indivíduos, tanto as mulheres quanto os loucos, silenciados e subalternos. O que se agrava ainda mais quando da interseccionalidade dessas categorias no mesmo indivíduo. Ainda, nos dias de hoje, os estigmas da loucura nas mulheres persistem e, por conta disso, as críticas feitas por essas autoras a quase dois séculos atrás ainda são tão pertinentes. Precisamos retornar o nosso olhar para o passado para compreender a naturalização dessas visões e estigmas para que consigamos desconstruir essas noções que se constituem como sendo da ordem da verdade.

## Referências

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2014.
- GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. 110 p.
- HEDGES, Elaine R. “Posfácio”. In: GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. p. 71-110.
- MARTINS, Ana P. V. “Um sistema instável: as teorias ginecológicas sobre o corpo feminino e a clínica psiquiátrica entre os séculos XIX e XX”. In: WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádía Weber. (Orgs.) *História e Loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- GARCIA, C. C. *Ovelhas na névoa: um estudo sobre as mulheres e a loucura*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1995.
- LACQUEUR, T. *Making sex: body and gender from the greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- PERROT, M.; FRAISSE, G. “Introdução: ordens e liberdades”. In: DUBY, G.; PERROT, M. *A história das mulheres no Ocidente: o século XIX*. São Paulo: Afrontamento, 1991.
- SHOWALTER, Elaine. *The Female Malady: Women, Madness, and English Culture, 1830-1980*. Hardmonsworth and New York: Penguin Books, 1987.